

## O PAPEL DO GÊNERO GRAMATICAL NO EFEITO DE RELATIVIDADE LINGUÍSTICA

GABRIELA MARCONDES MENDES<sup>1</sup>; BERNARDO KOLLING LIMBERGER<sup>2</sup>;  
RENAN CASTRO FERREIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [gmarcondesm@gmail.com](mailto:gmarcondesm@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [bernardo.limberger@ufpel.edu.br](mailto:bernardo.limberger@ufpel.edu.br)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [renanferreira.ufpel@gmail.com](mailto:renanferreira.ufpel@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O pensar é um dos processos mais complexos que constituem a experiência humana. Sobretudo porque, embora todos tenham consciência sobre o pensamento, ele é intangível (LOCKE, 2004, p. 333). Essa complexidade é percebida na constatação de que, para analisar o pensamento, é preciso analisar, simultaneamente, diversas questões mais profundas, como o muito debatido “difícil problema da consciência” (CHALMERS, 1995, p. 200), que investiga a qualia, ou seja, a capacidade humana de experiência subjetiva. Apesar de a subjetividade ser uma questão comumente vinculada à Filosofia, nos últimos anos, a Linguística também tem se preocupado em descobrir mais sobre os mecanismos que motivam o pensamento, em especial, qual seria o papel da língua neste processo.

A Hipótese Sapir-Whorf (termo cunhado por HOIJER, 1954), mais conhecida como Relativismo Linguístico, é sustentada pela ideia de que a língua que falamos tem um grau de influência no pensamento, especificamente no padrão de reflexão que fazemos sobre os eventos ao nosso redor e quais aspectos da realidade mais chamam nossa atenção. Essa subjetividade pode ser expressa não apenas em um aspecto da língua, mas vários, como cor, espaço, tempo e gênero (EVERETT, 2013).

Por muito tempo, encontrar evidências inequívocas da existência de influência da língua sobre o pensamento foi uma tarefa árdua e, até certo ponto, quase impossível devido à falta de métodos eficientes e confiáveis (FERREIRA; MOZZILLO, 2021). Isso trouxe para a teoria uma má reputação no cenário científico (PAVLENKO, 2014). Porém, nas últimas décadas, pesquisadores têm se esforçado para criar experimentos capazes de superar essas dificuldades, investigando uma pluralidade de domínios linguísticos, como cor, tempo, quantidade, gênero (EVERETT, 2013). Este último tem sido compreendido como um forte domínio para a investigação do relativismo linguístico, podendo nos levar a respostas de debates filosóficos e linguísticos no que diz respeito à universalidade da consciência (SAMUEL; COLE; EACOTT, 2019).

Em um dos estudos mais citados na literatura a respeito da questão, Phillips e Boroditsky (2003) conduziram cinco experimentos, partindo da hipótese de que a língua é capaz de influenciar a representação mental de objetos inanimados. Selecionamos um experimento para replicação – uma tarefa não-linguística de análise de similaridade. Essa decisão foi motivada por estudos prévios (ELPERS; JENSEN; HOMES, 2022; MICKAN; SCHIEFKE; STEFANOWITSCH, 2014), que também replicaram o experimento, o que torna possível que discutamos os resultados com mais profundidade. Além disso, a tarefa é ideal para explorar a questão do relativismo linguístico com objetividade. Nosso foco aqui está no experimento escolhido para a replicação, que tem como foco observar o nível de influência na percepção que o nome de um objeto é capaz de exercer. Dessa forma,

falantes de alemão e espanhol foram instruídos a avaliar a similaridade de objetos e animais em relação a homens e mulheres em uma escala de 1 a 9. Em ambos os grupos (alemão e espanhol), os participantes foram instruídos em língua inglesa. Os resultados demonstram que os participantes encontraram mais similaridade entre objetos e pessoas do mesmo gênero. Isso confirma que falantes de espanhol e alemão tendem a pensar sobre objetos e pessoas com base no gênero gramatical de suas línguas nativas.

Os resultados de todos os experimentos mostram que a língua é uma ferramenta importante na percepção da realidade. Essa constatação é apoiada pelo fato de que os indivíduos utilizam o gênero gramatical – inconscientemente ou não (BORODITSKY; SCHMIDT; PHILLIPS, 2003) – como um critério para agrupar entidades. Os pesquisadores sugerem, então, que as diferenças sistemáticas e formais entre as línguas ocasionam divergências não somente em aspectos gramaticais e propriamente linguísticos, mas também na percepção de realidade e vida interior de cada indivíduo. É interessante notar que todos os participantes do estudo são falantes da língua inglesa e, para os pesquisadores, o idioma não teve influência nos resultados, pois embora existam palavras pertencentes a um gênero específico (como *boy/girl, man/woman*), não há existência do gênero como um domínio gramatical na língua.

A fim de verificar uma possível existência de influência do gênero gramatical na percepção dos participantes e tendo esses resultados em vista, pretendemos replicar o experimento realizado por Phillips e Boroditsky (2003), utilizando como base a replicação de Elpers, Jensen e Holmes (2022). Para tanto, usaremos o método detalhado na seção seguinte.

## 2. METODOLOGIA

Serão selecionados, por conveniência, participantes multilíngues falantes de português, alemão e inglês, além de monolíngues falantes de português como grupo controle. Podem ser incluídos na pesquisa participantes entre 18 e 40 anos e com nível de proficiência em alemão a partir de A2. Os participantes deverão concordar com um termo de consentimento livre e esclarecido e responderão a um questionário de histórico de aprendizagem de línguas (adaptado de SCHOLL; FINGER, 2013).

Replicando o experimento realizado por Phillips e Boroditsky (2003), os participantes serão expostos a duas imagens, que devem estar lado a lado: a de uma pessoa e a de um objeto inanimado (por exemplo, “escova” e “relógio”) ou um animal. Como distratores, são utilizadas imagens de duas pessoas (por exemplo, um príncipe e um homem) para serem relacionadas. Os estímulos de objeto e animal serão escolhidos para que tenham gêneros gramaticais opostos em português e alemão.

Após a exposição, os participantes devem avaliar a similaridade entre as entidades das imagens em uma escala de 1 (nada similar) a 9 (muito similar). Após o experimento, uma tarefa de classificação dos objetos e animais será feita com os participantes para verificar o conhecimento sobre o gênero gramatical das entidades.

Trata-se de uma replicação parcial do experimento, uma vez que o par de línguas utilizado poderá ser diferente do original. Será necessário fazer algumas adaptações, como a troca de estímulos. Por exemplo, a palavra “raposa”, em espanhol, é “zorro” (gênero masculino) e pertence à condição de gênero congruente com a palavra em alemão “Fuchs”, que também é do gênero masculino.

Em português, o gênero é oposto em comparação à língua alemã e, por isso, o conjunto de estímulos precisa ser adaptado.

A aplicação do experimento se dará de forma remota por meio da tecnologia *LimeSurvey* da UFPel. Para garantir a qualidade dos resultados, utilizaremos uma verificação da atenção dos participantes baseando-nos na medida realizada por Elpers, Jensen e Holmes (2022), na qual eles receberão a instrução de clicar na caixa com a opção “outro” e inserir o número 8 na caixa de texto para confirmarem que estão atentos à tarefa. Desta forma, aqueles que falharem nesta etapa serão desconsiderados para a realização do experimento. Um breve treino com oito estímulos, instruindo a forma de realização da tarefa será aplicado anteriormente.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O experimento tem como objetivo descobrir se o gênero gramatical das línguas utilizadas pelos falantes é capaz de influenciar a percepção de gênero. Partimos da hipótese de que os participantes utilizarão o gênero gramatical como critério para agrupar entidades, associando-o ao sexo biológico. Esta hipótese baseia-se nos resultados obtidos no estudo de Phillips e Boroditsky (2003). Caso confirmada, sustentaria a ideia de que a língua é uma ferramenta importante para julgar e perceber a realidade. Caso não confirmada, estaria de acordo com os achados da replicação de Elpers, Jensen e Homes (2022). Portanto, serviria de apoio para a hipótese de que a percepção da realidade recebe pouca ou nenhuma influência do campo linguístico. Poderia corroborar, também, a hipótese de que a evidência de influência da língua no pensamento em experimentos é fortemente dependente do tipo de tarefa realizada e o modo com que esta é aplicada, consoante à revisão de Samuel, Cole e Eacott (2019), segundo a qual precisamos de mais estudos, pois os resultados dependem do tipo de tarefa exercida pelos participantes; uma tarefa que explicita mais a questão do gênero terá resultados mais positivos para o relativismo linguístico, sendo, então, mais tendenciosa. Isso sugere que ainda há muito trabalho a se fazer na área para criar experimentos capazes de capturar uma reação linguisticamente inconsciente de seus participantes no momento da tarefa.

### 4. CONCLUSÕES

No cenário científico brasileiro, há uma carência de pesquisas acerca da hipótese do relativismo linguístico. A questão fica ainda mais evidente quando se leva em conta que a maioria dos poucos trabalhos existentes sobre a hipótese tem foco exclusivamente teórico. Ou seja, há uma lacuna de estudos empíricos que se preocupam em compreender: de que forma a língua é capaz de influenciar o pensamento; quais domínios do pensamento que a língua é capaz de influenciar; qual o grau dessa influência. É relevante observar que o estudo traz uma inovação só para a Psicolinguística brasileira, uma vez que não há pesquisas acerca do tema que têm o português como uma das línguas exploradas. Dessa forma, esperamos contribuir para descobertas mais profundas sobre as minúcias da percepção de mundo.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORODITSKY, L., SCHMIDT, L. A.; PHILLIPS, W. Sex, Syntax and Semantics. *In*: GETNER, D.; MEADOW-GOLDIN, S. (org.). **Language in Mind**: Advances in the Study of Language and Thought. Cambridge: The MIT Press, p. 61-79, 2003.

CHALMERS, D. J. Facing up to the Problem of Consciousness. **Journal of Consciousness Studies**, v. 2, n. 3, p. 200-219, 1995.

CUBELLI, R. *et al.* The effect of grammatical gender on object categorization. **Journal of Experimental Psychology**: Learning, Memory, and Cognition, v. 37, n. 2, p. 449-460, 2011.

EVERETT, C. **Linguistic Relativity**: Evidence Across Languages and Linguistic Domains. Berlin: De Gruyter Mouton, 2013.

ELPERS, N.; JENSEN, G.; HOLMES, K. J. Does grammatical gender affect object concepts? Registered replication of Phillips and Boroditsky (2003). **Journal of Memory and Language**, v. 127, p. 104357, 2022.

FERREIRA, R. C.; MOZZILLO, I. Transferência Conceitual: o relativismo linguístico na aprendizagem de segunda língua. **Alfa**: Revista de Linguística, v. 65, n. 1277, p. 1-21, 2021.

HOIJER, H. (ed.). **Language in culture; conference on the interrelations of language and other aspects of culture**. Chicago: University of Chicago Press, 1954.

LOCKE, J. **An Essay Concerning Human Understanding**. New York: Barnes & Noble Publishing, 2004.

MICKAN, A.; SCHIEFKE, M.; STEFANOWITSCH A. Key is a llave is a Schlüssel: A failure to replicate an experiment from Boroditsky *et al.* (2003). **Yearbook of the German Cognitive Linguistics Association**, v. 2, n. 1, p. 39-50, 2014.

PAVLENKO, A. **The Bilingual Mind: And What it Tells Us about Language and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

PHILLIPS, W.; BORODITSKY, L. Can quirks of grammar affect the way you think? Grammatical gender and object concepts. **Proceedings of the 25th Annual Cognitive Science Society**. Psychology Press, v. 25, p. 928-933, 2003.

SAMUEL, S.; COLE, G.; EACOTT, M. J. Grammatical gender and linguistic relativity: A systematic review. **Psychonomic Bulletin & Review**, v. 26, n. 6, p. 1767-1786, 2019.

SCHOLL, A. P.; FINGER, I. Elaboração de um questionário de histórico da linguagem para pesquisas com bilíngues. **Nonada**: Letras em Revista, v. 2, n. 21, p. 1-17, 2013.